

Uma História da Filosofia

29 Francis Bacon

Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College

Certo, vamos começar, então? E vejamos, acho que eu já Vocês receberam o material desta semana: Bacon e Hobbes na leitura e um esboço de Hobbes. Esta manhã e esta tarde, quero que nos concentremos em Bacon e, se houver tempo, em algumas considerações introdutórias sobre Hobbes. Mas, para começar, permitam-me lembrar o que discutimos na última aula.

Ou seja, a história da filosofia moderna pode ser esquematizada em termos da intersecção de duas linhas de pensamento. Por um lado, na filosofia britânica, uma tradição empirista e, por outro, na filosofia continental, uma tradição racionalista. Essas duas tradições representam a extensão a todas as áreas de investigação dos métodos indutivos da ciência que estavam sendo propostos e, por outro lado, o método matemático dedutivo, que Descartes viria a propor.

Então, o que faremos é traçar o desenvolvimento dessas duas vertentes, começando pela vertente britânica com Francis Bacon e Thomas Hobbes, na Inglaterra do século XVII. Francis Bacon, em primeiro lugar, oferece uma orientação sobre seu propósito e método. Seu propósito geral é muito evidente em seus escritos.

E em grande parte da literatura secundária sobre Bacon. Mas isso frequentemente não aparece nos resumos de um capítulo que encontramos em livros didáticos como o de Stumpf. No entanto, é particularmente interessante se estivermos tentando traçar a mudança de visões de mundo da Idade Média para a era moderna.

Visto que Bacon, embora tão genuinamente cristão quanto os medievais, aborda toda a questão de uma maneira marcadamente diferente. A mãe de Bacon era uma puritana de convicção teológica reformada. E há ecos disso no pensamento de Bacon e em seu propósito geral.

Ele faz repetidas referências ao chamado mandato cultural nos capítulos iniciais do Gênesis. O mandato dado a Adão e Eva de repovoar, subjugar, exercer domínio, mordomia, e assim por diante. E ele se queixa de que a raça humana, longe de cumprir esse mandato, está distraída dele.

É nossa responsabilidade recuperar o exercício desse direito sobre a natureza que pertence à raça humana por legado divino. Assim, ele está pensando, como os pensadores reformados costumam fazer, na tarefa da filosofia, da ciência e do intelecto em termos de criação, pecado e redenção. A criação nos deu um mandato.

O pecado nos distraiu do mandamento. A redenção nos chama de volta. Essa é a estrutura teológica com a qual ele está trabalhando.

Mas o tipo específico de pecados que ele condena e a esperança redentora específica que ele nutre estão intimamente ligados à filosofia. Ou seja, ele considera os escolásticos como alguns dos principais perpetradores do crime de desviar a humanidade de seu mandato cultural. Isso porque as disputas escolásticas não nos ajudam em nada a enriquecer a vida humana, a transformar a sociedade por meio do conhecimento humano, e assim por diante.

E, pelo contrário, o que ele quer, em vez da esterilidade da filosofia aristotélica, como ele a chama, a esterilidade que o repugna, é uma nova abordagem, um novo método, que nos ajude a retomar a tarefa de transformar a natureza e moldar a sociedade humana. Digamos assim, se quiserem. Os medievais concebiam a filosofia como uma espécie de *ancilla theologiae* (ancilés teológico).

Ou seja, como serva, auxiliar, serva da teologia. A filosofia servindo às tarefas teológicas. O que Bacon faz é ver a filosofia não como auxiliar, serva da teologia, mas da sociedade.

Trabalhar para o bem da condição humana, entende? Tentar mudar o mundo em que vivemos. E ele deixa bem claro que o ideal que ele tem é uma espécie de ideal utópico.

De fato, o final do século XVI, a era elisabetana, foi a era das utopias. Veja bem, foi a era das utopias. E o próprio Bacon escreveu sobre uma utopia científica com a qual sonhava.

Uma utopia, ou seja, é alcançada pela aplicação do conhecimento científico, do conhecimento dos processos da natureza, à transformação das condições. E é por essa sociedade transformada que ele vê todos trabalhando, a qual ele se refere como o reino dos céus, o reino de Deus. Portanto, trata-se de um ideal utópico com motivação religiosa, característico do Renascimento.

Mas uma esperança que se concretiza através da ciência moderna. Veja bem, através da ciência moderna. Agora, não vamos tirar conclusões precipitadas de que ele acredita que o conhecimento humano produz automaticamente bons resultados.

Ele faz alguns comentários éticos ao longo do caminho. E fica muito evidente que, embora, como ele mesmo diz, conhecimento é poder — e esse é o seu famoso ditado —, ele quer que esse poder seja controlado por uma ética apropriada. E sem a ética da lei natural enraizada na tradição escolástica, entende?, ele não tem uma base metafísica para uma ética, e, portanto, a ética precisa vir, em suas palavras, da verdadeira religião e da reta razão, o que soa muito como Guilherme de Ockham.

mandamentos divinos . A reta razão é a prudência que surge da consciência das consequências. Verdadeira religião e reta razão.

Agora, se você trouxe a antologia, e presumo que sim, esta é a nova antologia, começando com Bacon. Ah, você não a trouxe. Tudo bem, fica para a próxima.

Certo, vejo que alguns de vocês, almas corajosas, trouxeram cópias usadas, e outros trouxeram cópias novas. Tragam mesmo assim, vamos precisar de tudo. Na página 20, opa, trouxe a palavra errada.

A antiga. Posso pegar a sua emprestada, Janelle? Falei olhando para o espelho. Tudo bem.

Bem no finalzinho da seleção de Bacon, bem no final, na página 20, ele diz o seguinte: Não será errado distinguir três tipos, por assim dizer, de ambição na humanidade. O primeiro é o daqueles que desejam expandir seu próprio poder em seu país natal.

Agora, esse é o tipo egoísta. Qual tipo é vulgar e degenerado? Portanto, ele não é um egoísta ético. O segundo tipo é o daqueles que trabalham para expandir o poder de seu país e seu domínio sobre os homens.

Ora, isto certamente tem mais dignidade, embora não seja menos ganancioso. É egoísmo corporativo. Interessante para um escritor da época de Elizabeth, se você conhece a história inglesa, entende?

Mas se um homem se esforçasse para estabelecer e expandir o poder e o domínio da própria raça humana sobre o universo, sua ambição, se é que se pode chamar isso de ambição, seria sem dúvida algo mais saudável e mais nobre do que as outras duas. E esse poder da raça humana sobre o universo é o domínio sobre a criação, entende? Esse é o motivo de Bacon.

E você pode muito bem ter se deparado com literatura ou ouvido dizer que essa ênfase baconiana, na verdade, deu licença à ciência moderna para explorar a natureza, dominar os recursos e o meio ambiente para nosso próprio prazer e bem, de modo que, às vezes, os problemas ambientais de nossos dias são atribuídos a Francis Bacon, entende? Ora, francamente, acho que isso é acusar Bacon sem levar em conta o contexto em que ele pensava. Porque fica muito claro, ao ler Bacon com mais atenção, que ele não estava pensando nisso como dominação, mas como mordomia de uma forma apropriada ao reino de Deus.

Portanto, é algo significativamente diferente. Isso não quer dizer que a influência baconiana não tenha dado liberdade às pessoas, mas não era Bacon em si. Era a forma como Bacon era interpretado fora de contexto.

Então, que tipo de método ele tem em mente? Que tipo de conhecimento pode dar poder sobre os processos da natureza? E a resposta, obviamente, tem que ser o conhecimento dos processos da natureza. O conhecimento dos processos da natureza. E a maneira como ele coloca isso pode ser enganosa, a menos que você perceba o uso sutil das palavras envolvidas.

Porque, por um lado, ele rejeitou qualquer metafísica das formas. Ou seja, ele não é um realista no sentido medieval de universais reais. Ele rejeita quaisquer formas metafísicas.

Se existem causas finais, isto é, propósitos envolvidos na natureza, bem, teremos que deixar isso para os teólogos. Não é acessível por meios racionais, por meios empíricos. Então, em vez de formas metafísicas, ele se volta para uma ciência empírica, uma ciência empírica que visa descobrir formas.

E se você não prestar atenção, poderá interpretar o segundo sentido de "formas" como sendo o mesmo que o primeiro, o que não é verdade. O segundo sentido de "forma" refere-se simplesmente à maneira uniforme como os processos naturais ocorrem. Ou seja, quando A é rotineiramente seguido por B, você obtém esse tipo de comportamento nos processos naturais, e ele busca um método que possa identificar esse tipo de forma.

A forma tem a ver com processos que são inteiramente devidos à operação de forças físicas no mundo material. E o filósofo que ele cita com maior apreço a esse respeito é, como se poderia esperar com a ascensão da ciência mecanicista, Demócrito, o atomista grego, que entendia tudo em termos de matéria e movimento, embora em sua época o cientista mais significativo tenha sido, sem dúvida, Galileu, que pensava em termos semelhantes aos de Demócrito. Portanto, esse é o seu propósito.

Seu método, uma ciência empírica das formas, é o que veremos que o leva a se preocupar em desenvolver métodos indutivos apropriados, lógica indutiva, em vez de dedutiva. Permitam-me acrescentar esta nota de rodapé: ao criticar o raciocínio dedutivo, ele demonstra pouca compreensão do que os silogismos podem estabelecer. O problema não reside no processo de inferência envolvido nos silogismos.

O problema não está nas leis da lógica. Ele é sábio demais para isso. O problema é encontrar premissas.

Esse era precisamente o problema que Aristóteles abordou, como vocês se lembram, naquela longa seção introdutória da Analítica Posterior. De onde vêm os primeiros princípios para a demonstração? Platão havia dito que era pela dialética. Aristóteles apresenta o problema de uma regressão infinita de primeiros princípios ou de um argumento circular sobre primeiros princípios, e finalmente chega à noção de que somos capazes de abstrair intuitivamente o primeiro princípio, a forma da espécie, a partir da experiência que acumulamos de toda uma espécie.

É justamente esse processo de abstração intuitiva que Bacon não aprecia. Ele menciona, em certo ponto, conceitos abstraídos de forma inadequada e precipitada, que tornam o raciocínio silogístico inútil. Um exemplo disso é a abstração das formas a partir das espécies feita por Aristóteles.

Ele tem pouco respeito por isso. No entanto, o interessante é que, enquanto Aristóteles chamava esse processo de indução — por indução conhecemos as formas —, Bacon também chama o processo de indução. Por indução, conhecemos as formas.

Mas como a indução de formas no primeiro sentido, o sentido aristotélico, a indução por meio da abstração intuitiva, é imprecisa, insuficiente e inexata, ele obviamente deseja outro tipo de método indutivo para lidar com as formas no segundo sentido. Portanto, observe o vocabulário. Acho que faz parte de sua arte literária, e ele é realmente uma figura literária da Renascença.

Mas faz parte de sua arte literária, entende? Ele fala de formas, da indução como método de conhecimento das formas, o que é linguagem aristotélica, mas não são conceitos aristotélicos. Ele está mudando, mudando os objetos do conhecimento e mudando os métodos de conhecimento. É o novo método, esse novo objeto de conhecimento, que dará poder.

O conhecimento obtido pelos métodos tradicionais, com base nos objetos de conhecimento tradicionais, não confere, em sua opinião, poder sobre a natureza. Portanto, o que ele deseja é uma ciência empírica que lide com as forças do mundo material. O conhecimento, então, tem valor instrumental.

Ele não busca a verdade por si só, nem a compreensão por si só. Ele não vê o caminho para a verdade como a escada para a contemplação de Deus, como faziam os medievais. Ele não vê o caminho para a verdade como a via para a contemplação de Deus, contemplando as formas, ascendendo à contemplação da forma de todas as formas, o bem, entende?

Não, essa não é a hierarquia do ser dele. Não é a visão de mundo dele. Ele vê Deus como criador, mas nossa responsabilidade na natureza é este mandato da criação para dominar em prol do reino de Deus.

Agora, se você consegue manter essa linha de raciocínio em mente, permita-me acrescentar mais um elemento de contexto histórico que olha para o futuro. Existem, na verdade, apenas dois ou três temas principais associados a Bacon que precisamos compreender. Um deles, certamente, é sua concepção de iniciação.

A segunda é que o conhecimento é poder em relação ao poder sobre a natureza, o mandato da criação . Mas a terceira é a suposição de que esse tipo de conhecimento científico pode ser inteiramente objetivo. A ideia de que o conhecimento científico pode ser inteiramente objetivo.

A ideia de que a ciência nos fala sobre a realidade, não o realismo sobre universais, mas o realismo sobre o conhecimento científico. E essa ênfase é o que ele transmite ao Iluminismo, que se manifesta com mais força e influência no realismo escocês do século seguinte, o século XVIII, cuja conexão é constantemente mencionada, tanto em figuras como Thomas Reid, o realista escocês que conheceremos mais adiante, quanto em escritos recentes sobre o realismo escocês, que vem passando por um renascimento de interesse nos últimos dez anos. Entre os que reacenderam esse interesse está Mark Noll, por meio de suas pesquisas e escritos sobre a história intelectual americana.

Mas a referência constante em relação ao realismo escocês é à visão baconiana da ciência. Ciência baconiana. Ou seja, ciência completamente objetiva, ciência puramente empírica, ciência sem pressupostos, entende?

A ciência, que é a mesma para qualquer pessoa, cristã, judia, muçulmana, hindu, naturalista convicta, entende? A ciência objetiva e empírica nos diz, como diz a qualquer pessoa, sobre as realidades da natureza. Ora, o resultado dessa tradição realista escocesa foi que se passou a acreditar que a ciência moderna nos deu uma base sólida de conhecimento comum sobre a qual uma cultura pode desenvolver sua própria superestrutura, sobre a qual podem ser desenvolvidas a teologia filosófica, a apologética e assim por diante.

E para alguns de vocês interessados em teologia e apologética, a influência chegou particularmente a este país em Princeton, por meio de Witherspoon, quando ele se tornou presidente do Princeton College. Assim, o Princeton College e o Princeton Seminary, ambos, tornaram-se o canal de entrada do realismo escocês no pensamento americano. O teólogo presbiteriano clássico da década de 1860, Charles Hodge, aborda toda a sua teologia a partir de uma base baconiana, partindo do princípio de que a ciência nos revela as realidades e, com base nisso , podemos argumentar sobre a existência de Deus, a liberdade e a responsabilidade humanas, etc.

E isso teve uma influência muito ampla, inclusive aqui em Wheaton. Vejamos, J. Oliver Buswell, que foi o terceiro presidente, era um realista escocês convicto. Ele era um filósofo e teólogo que escreveu extensivamente sobre o realismo escocês e teve uma influência considerável nesse sentido. Quando eu era aluno de graduação aqui, fui apresentado à filosofia através da perspectiva do realismo escocês.

Não porque eu tenha estudado com o terceiro presidente, embora eu tenha estudado com um homem que havia estudado com o terceiro presidente quando ele lecionou em outro lugar depois de mim. Portanto, essa influência baconiana no realismo escocês influenciou o pensamento evangélico americano. Agora, creio que ela seja muito menos influente, distintamente, entre os evangélicos, a menos que você frequente o Asbury College and Seminary, onde é a corrente filosófica dominante.

Curiosamente, o renascimento do realismo escocês está mais presente na epistemologia americana contemporânea. Muito mais difundido do que costumava ser. Certo, então, três coisas sobre Bacon para ter em mente.

Certo. Um deles é o método indutivo, que busca conhecer as formas. O segundo é a objetividade da ciência e sua influência na tradição realista escocesa.

E o terceiro ponto é que o conhecimento científico tem apenas valor instrumental, em vez de fazer parte da busca pela verdade e da contemplação de Deus. Certo. Agora, para captar o espírito, o propósito e o contexto geral do seu pensamento, precisamos nos concentrar em detalhes mais específicos.

E duas coisas que eu gostaria de destacar: o lado negativo, o lado crítico do que ele faz, e o lado mais positivo e construtivo. A crítica é dirigida aos ídolos, como ele os chamou. Mais uma vez, uma interessante metáfora religiosa.

Essas são as coisas que as pessoas aceitam acriticamente, como se fossem deuses. São influências não científicas no pensamento humano, influências não científicas que precisam ser exorcizadas, expulsas. E ele identifica quatro tipos de ídolos: os ídolos da tribo, os ídolos da caverna, os ídolos do mercado e os ídolos do teatro.

Os ídolos da tribo têm a ver com a influência, talvez inconsciente, da mente humana, especialmente no que diz respeito àquilo que consideramos princípios fundamentais, mas que são insuficientemente fundamentados. Aqui reside a noção de que existe algum conhecimento enraizado nas uniformidades da natureza humana, inato, nativo, como a lei natural, e ele rejeita esses ídolos da tribo. Não existe conhecimento inato.

Não há como inferir princípios fundamentais a partir do que sabemos sobre a natureza humana. Os ídolos da tribo que ele rejeita, e as seleções que você está

lendo, dão corpo a esses conceitos. Os ídolos da caverna têm a ver com o temperamento individual, ou seja, com a atmosfera pessoal que você respira em sua própria caverna, a qual influencia a direção do seu pensamento.

É algo de que ele quer se livrar completamente. Acho que ele ficaria bastante surpreso com o tipo de coisa que William James ou Friedrich Nietzsche diriam por volta de 1900. James fala da diferença que faz filosoficamente ser uma pessoa de mente sensível ou de mente rígida, porque sua disposição psicológica afeta o tipo de filosofia que você tem. A pessoa de mente sensível tem maior probabilidade de ter uma visão filosófica otimista da natureza.

A pessoa de espírito rígido, com uma visão mais determinista e pessimista. Ou Friedrich Nietzsche, que falou sobre como a vontade de poder, a vontade forte que se opõe à vontade fraca, afeta as visões filosóficas das pessoas. Assim, partindo desse princípio, o que Nietzsche fará é, essencialmente, aplicar uma psicologia racista.

A *Volkpsychology*, uma psicologia da raça, psicologia do povo, busca caracterizar a visão filosófica dos franceses, alemães, britânicos, etc., em termos da mentalidade e do temperamento do povo. Assim, os ídolos da caverna têm a ver com o temperamento individual ou coletivo.

Bem, eu vi alguém por aqui. Quem era? Kristen. Eu estava me perguntando de onde veio o nome "tribo".

E eu estava me perguntando se a caverna era tipo... um eco de Platão? Sim, com certeza. Muito. Estamos trancados em nossa própria caverna, entende?

E, na medida em que o temperamento emocional parece ser em parte produzido fisicamente, então a caverna produz seu próprio temperamento emocional. Tribo, suponho que ele esteja se referindo a toda a raça humana. À sua identidade.

E assim por diante. Sim. Então você está certo em suspeitar disso.

Os ídolos da feira. Bem, é claro que, na cidade ou vila do século XVII, era lá que todos se encontravam no dia de feira. Era lá que todas as fofocas aconteciam.

Foi aí que a linguagem tomou forma. A linguagem que transmite todo tipo de ideias, sejam elas intencionais ou não, sejam elas conscientes ou não. E, nesse sentido, o que ele está dizendo é que a linguagem idiomática tem o poder de incutir crenças filosóficas que podem ser totalmente equivocadas.

Se considerarmos, por exemplo, que um substantivo representa uma coisa, uma entidade, uma substância, então atribuiremos realidade substancial a tudo o que é

denotado por um substantivo. E pense aonde esse tipo de coisa levou pessoas como Platão em sua metafísica. A lugar nenhum.

Então, os ídolos do mercado. Os ídolos do teatro, sim, é aí que nossos jogos de faz-de-conta ganham realidade e vida própria. É aí que nosso pensamento imaginativo se torna real.

Assim, o teatro tem a ver com filosofia, ciência e outras áreas. Ele distingue três tipos de filosofia: a sofística, a chamada empírica e a supersticiosa. E a maneira como ele usa os termos, não apenas dois, mas os três, é lamentável.

A filosofia sofística, cujo exemplo é Aristóteles, é o ponto de partida para suas observações pouco elogiosas sobre o tipo de indução aristotélica, onde princípios abstraídos às pressas destroem a possibilidade de conclusões seguras a partir do raciocínio silogístico.

A filosofia empírica refere-se a algumas áreas da ciência contemporânea, onde há pouca observação cuidadosa, pouca análise minuciosa e pouco trabalho empírico. Ele tem em mente, nesse caso, o trabalho de Gilbert, que realizou pesquisas primitivas relacionadas ao magnetismo, à magnetita e outros temas semelhantes. A filosofia supersticiosa é uma mistura de filosofia com religião.

Filosofia misturada com religião. E aí ele tem em mente pessoas como Pitágoras e Platão, que conferem uma aura religiosa ao que fazem, de modo que sua filosofia conduz a algum tipo de religião mística. E ele prefere muito mais Demócrito.

Veja bem, ao analisar essa gama de críticas, percebe-se a abrangência de sua rejeição ao passado. Mencionei na sexta-feira o ressurgimento do ceticismo no Renascimento. Ceticismo em relação à filosofia do passado, ceticismo devido a uma série de fatores, a redescoberta de Sexto Empírico, o colapso da síntese medieval, o vácuo epistemológico deixado pela Reforma Protestante, e assim por diante.

Bem, aqui está Bacon, veja bem, reencenando esse ceticismo em relação à filosofia do passado, querendo recomeçar do zero, assim como os reformadores voltaram à scriptura sola, somente a escritura. Então Bacon quer voltar aos fatos empíricos, entende? Mas observe que ele não vê nenhuma relação ativa entre filosofia e religião, como viam os medievais.

Houve uma síntese da busca filosófica com a religiosa, da filosofia com a teologia. Não é o caso de Bacon. Certamente não se trata de uma integração entre ciência e religião.

A única tendência da religião em relação à ciência é dizer por que se deve fazer ciência. Por quê? Bem, ela tem muito valor instrumental. Ajuda a cumprir esse

mandato cultural, a restaurar em parte a condição humana ao que ela poderia ter sido, e assim por diante.

Portanto, não é o conteúdo da ciência que está relacionado à religião. É simplesmente o propósito da ciência, entende? Agora, por quê? Bem, eu mencionei Galileu.

Veja bem, Galileu sofreu com aqueles que queriam integrar o conteúdo da ciência com a religião. Foi isso que lhe causou problemas. E na Inglaterra da época de Bacon, na Inglaterra elisabetana, havia um histórico de perseguição religiosa.

Você conhece um pouco dessa história religiosa? A Reforma Protestante ocorreu na época de Henrique VIII, que era um grande admirador de Lutero. Quando ele morreu, sua filha Maria, uma católica fervorosa, tornou-se rainha. E a luta entre católicos e protestantes começou.

Bem, houve um intervalo durante o reinado de seu filho Eduardo, um rapaz jovem. Não durou muito tempo. Depois veio Maria.

Depois veio Elizabeth, a protestante. E os papéis se inverteram, como você pode ver. E depois de Elizabeth vieram os Stuarts, Jaime I da Escócia, um católico.

Direito divino dos reis, entende? Depois veio Carlos I, que perdeu a cabeça por causa disso. Então, esses foram tempos de luta religiosa, de perseguição religiosa.

E parece que o que Bacon estava muito ansioso para fazer, ou pelo menos feliz em fazer, era separar suficientemente a religião da filosofia e da ciência para oferecer alguma proteção contra aqueles que perseguiriam cientistas ou filósofos por motivos religiosos. Ele não queria ser outro Sócrates, bebendo cicuta. Bem, naquela época não se fazia isso com cicuta.

Eles fizeram isso com um machado, e havia muitos deles. Aliás, você já foi à Torre de Londres? Lembro-me de quando visitamos a Torre, quando nossos filhos tinham seis ou oito anos, respectivamente, e usavam cabelo curto. E enquanto atravessávamos a ponte levadiça para entrar na Torre, lembro-me do guarda da Torre, com seu uniforme, colocar a mão na cabeça de um dos nossos filhos e dizer: "Cuidado com essa cabeça, estão deixando-as por toda parte lá dentro."

E assim foi a recepção de Sud na Torre de Londres. Sim, era assim que eles se livravam da oposição. Então, acho que há um incentivo adicional em Bacon para separar religião de ciência, religião de filosofia, daí a ciência subjetiva, a ciência pressuposicional.

E a única ligação entre religião e ciência reside no propósito que ela confere à ciência. Muito bem, isso nos leva a algo sobre o seu método indutivo, o seu lado positivo. O que ele faz aqui é oferecer o que chama de certas tabelas, maneiras de tabular as suas descobertas, de tabular as suas observações.

E você verá que Stumpf fala sobre isso, acho que é na página 224. Ele menciona a tabela da presença, a tabela da ausência e a tabela dos graus. E se você estiver familiarizado com os métodos indutivos de John Stuart Mill no século XIX, perceberá que eles se correlacionam com esses.

John Stuart Mill chamou isso de tabela de concordância, tabela de diferença e tabela do método das variações concomitantes, e fundamentalmente são a mesma coisa. E o que elas realmente representam são métodos experimentais muito simples. Se você está tentando descobrir qual é a causa de um fenômeno X, e descobre que ABC precede os fatores X, Y, Z, e que algo semelhante ocorre repetidamente, então você logo começa a suspeitar, em virtude da concordância, que existe alguma relação causal entre C e X. Justo? E se você descobre, por outro lado, que enquanto ABC é o antecedente de X, Y, Z, onde C está ausente, então X também está ausente, então, a partir da diferença, você novamente começa a suspeitar que existe uma conexão causal.

E se você constatar que, ao aumentar a quantidade de C, aumenta proporcionalmente a quantidade de X graus, então, mais uma vez, isso confirma que existe uma relação causal. Portanto, este é um método empírico simples. Como obtemos o coeficiente de dilatação linear de um metal? Veja que, aplicando calor, podemos determinar o coeficiente de dilatação linear relativo em comparação com outros metais.

É algo simples. Mas repare como a descoberta de que A está causalmente relacionado a X permite que você exerça poder sobre A na produção de X. Entende? E, conseqüentemente, poder sobre a natureza.

Muito, muito simples. Muito limitado em termos do método científico moderno. Não há noção do papel de uma hipótese.

O papel de uma hipótese na sugestão de experimentação. Nenhuma noção de modelo conceitual. Paradigmas e mudanças de paradigma, como falamos hoje em dia.

Nada disso. Métodos experimentais, muito simples, muito descomplicados. Mas é o início dos métodos científicos empíricos modernos, Francis Bacon.

Vamos ver. Sim, alguma pergunta, algum comentário? Bacon é uma figura fascinante. Ele esteve muito envolvido na política britânica.

Disseram-me que ele foi Chanceler da Inglaterra durante o reinado de Elizabeth? Ou de Jaime I? Sim, ele tentou e fez manobras para conseguir um alto cargo político sob o reinado de Elizabeth. Só conseguiu cargos menores, mas teve mais sorte sob o reinado de Jaime I. Portanto, uma figura muito interessante, muito fascinante.

Agora você diz filosoficamente. Ele não parece estar se dedicando muito à filosofia. Ele está interessado em ciência.

Sim. E acho que há dois comentários a fazer sobre isso. Primeiro, naquela época, as pessoas não os viam como diferentes.

Ou seja, as ciências só alcançaram um status independente relativamente recente. É por isso que pessoas de qualquer disciplina tendem a buscar títulos de doutorado. Durante todo o século XIX, a ciência era conhecida como filosofia natural.

Nas universidades britânicas, nas universidades americanas e aqui em Wheaton, se você consultar os catálogos antigos, verá que a filosofia natural é um dos temas abordados. Portanto, a distinção entre as disciplinas não é tão clara.

Até o século XIX, alguns casos mais tarde. Por outro lado, a obra de Bacon tem real importância filosófica em dois aspectos. Um deles diz respeito aos primórdios da filosofia da ciência moderna.

Ou seja, reflexão filosófica sobre a natureza da ciência. Certo. E em segundo lugar, em termos da mudança de visão de mundo que está ocorrendo.

Onde ele claramente marca uma transição, assim como Ockham representou o fim do velho, Bacon representa o início do novo. Isso fica muito claro. Qual era a opinião dele? Bastante favorável.

Tentei rastrear, nas leituras que fiz, quaisquer referências explícitas a Ockham. Não me lembro de nenhuma que tenha encontrado em seus escritos. Mas, por outro lado, ele não costuma citar muitas pessoas.

Sim, as ideias de Ockham. Um historiador da ciência britânico chamado Crombie tentou demonstrar que essas tabelas, esses métodos de Bacon, foram antecipados de forma muito semelhante por Guilherme de Ockham. E lembre-se, acabei de salientar que o seu apelo em questões de ética era essencialmente o mesmo que o de Ockham.

Agora, o que não me é claro em relação a Bacon é se ele é um ockhamista no que diz respeito aos universais. Ou seja, ele é um terminista, um nominalista? Ou um

conceitualista? Certamente, ele não lida com ideias abstratas. Mas ele não parece querer negar aos teólogos o privilégio de lidar com ideias abstratas.

Ora, se ele fosse nominalista, negaria que fosse possível até mesmo para teólogos lidar com ideias abstratas. Portanto, inclino-me a pensar que ele é mais conceitualista, mas ainda assim muito influenciado por Ockham. Quando ele estava em Cambridge, vejamos, acho que não me engano, quando ele estava em Cambridge, Ockham estava muito em voga.

Na verdade, e talvez eu tenha uma data para isso, vejamos, vamos tentar, sim, quando ele foi para Cambridge em 1577 como estudante, Ockham era muito bem visto. Os métodos escolásticos ainda eram estudados, mas estavam em descrédito. Vinte e cinco anos antes, em Oxford, os escritos de Duns Scotus haviam sido queimados em público em repúdio aos métodos escolásticos e às disputas escolásticas.

Foi isso que fizeram quando houve uma mudança teórica. Simplesmente queimaram tudo. Para quê entulhar a biblioteca? Agora vendem os livros aos estudantes.

Então, sim, a resposta é sim, a influência de Ockham está muito presente. Sim, sim. Ok, você se lembra que eu estava brincando aqui com a indução como método e o objeto do conhecimento como formas.

Aristóteles utiliza um tipo de indução para obter conhecimento das formas, segundo o seu próprio sentido do termo. Bacon, por sua vez, utiliza um outro sentido de indução. Interessante que a conclusão seja A e B, não é? A indução se dá pela tentativa de obter conhecimento das formas, segundo o seu próprio sentido do termo.

Portanto, a forma de conhecer o método está correlacionada com o objeto do conhecimento. Que é o que esperaríamos. Era assim em Platão.

Se as formas pertencem a um reino transcendente, então você possui o conhecimento necessário para compreender o transcendente. E estudar casos empíricos não lhe será útil. Portanto, você se engaja na dialética para se desapegar do particular e lidar com o abstrato.

Se as formas são iminentes nos particulares, então você tenta extraí-las. E esse é o método de indução abstrativa de Aristóteles. Se não existem formas reais e você está apenas estudando particulares, bem, métodos empíricos simples darão conta do recado.

Bacon. É tentador dizer isso. E confesso que, quando li Bacon pela primeira vez, era isso que eu costumava dizer.

Mas quanto mais leio Bacon, menos penso assim. Talvez porque esteja demasiado consciente do pragmatismo no outro extremo do espectro. Se estivermos a falar do pragmatismo de Dewey, por exemplo, veremos que quando começarmos a falar do segundo semestre de Dewey, estaremos a ler o seu livro "Reconstrução na Filosofia".

E acho que é no primeiro ou segundo capítulo que ele fala sobre Bacon. E ele reivindica o ditado de Bacon, "conhecimento é poder", como se fosse seu. Então é muito tentador identificar os dois.

Mas as visões de mundo envolvidas são totalmente diferentes. Entende ? Bacon é um teísta cristão. Ele pensa em um mandato divino para o conhecimento que pode servir a certos propósitos em relação ao reino de Deus.

Dewey é um naturalista evolucionista convicto que vê o pensamento experimental como a forma de resolver problemas que ameaçam a sobrevivência. Entende ? Duas orientações muito diferentes. Dewey estende seu pensamento experimental à ética.

Bacon? Bem, dificilmente. Dificilmente. Ele fala de razão correta.

Mas parece ser uma prudência muito influenciada por concepções clássicas. A influência do Renascimento ainda está presente. E, aparentemente, ele foi bastante influenciado, em parte, pelo ressurgimento do platonismo.

David? Sim. Ah, sim. Sim, porque o que os métodos dele aqui fornecem são generalizações empíricas sobre a relação causal entre A e B. Entre C e X, como foi no meu exemplo.

Sim. Com certeza. Dan? Bacon sentiu-se de alguma forma obrigado a responder às dúvidas que Platão e alguns outros filósofos tinham sobre a realidade do jogo, a sua mutabilidade e as maneiras como, como eles disseram, os sentidos os enganaram? Ele se sente obrigado a responder sobre a relatividade da percepção sensorial.

E a resposta dele é que seus métodos visam minimizar essa relatividade, multiplicando os casos a partir dos quais nosso conhecimento geral é construído. Se você não tem certeza se este caso é ilusório ou relativo, analise-o em outro contexto.

A repetibilidade das observações científicas é crucial. Então, sobre a questão da relatividade, ele acha que tem alguns mecanismos de controle. Não sei se ele alguma vez defendeu a realidade dos corpos físicos.

A menos que se trate do que ele chama de filosofia supersticiosa. Nesse caso, o tipo de contemplação transcendental de alguns neoplatônicos seria o ponto em questão. Mas sua crítica a isso é essencialmente a mesma que sua crítica a Aristóteles: trata-

se de algo repugnantemente efeminado quando se tem a missão de fazer algo a respeito deste mundo.

Portanto, ele não se envolve em, digamos, argumentação dialética na refutação de Platão. Seu ponto de referência é sempre o mandato da criação. E a partir desse ponto de referência, ele descarta, em vez de refutar.

Entendeu? David? Desculpe. Então, qual era a opinião dele sobre a queda? Bem, suspeito que fosse bastante parecida com a sua. Digamos apenas que foi algo ruim.

Ele considera a história da queda como histórica. Ele encara a pecaminosidade humana da mesma forma que qualquer pensador reformado, como total, no sentido de que se estende a todas as áreas da atividade humana. Depravação total não significa que tudo o que fazemos seja ruim ou errado o tempo todo.

Estou falando sobre, tipo, se ele pensou na queda de alguma forma, nas leis da natureza e em como chegamos à ciência empírica. Ele não discute essa possibilidade. O que ele faz é falar sobre como o desapego humano deixou as coisas saírem do controle.

Então ele se concentra nos efeitos sobre a humanidade e, por meio da humanidade, sobre a natureza. Sim.